

C. M. B.
BIBLIOTECA

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

TEBE

Director honorário:

M. CAMPOS HENRIQUES

PROPRIEDADE DO CLUBE DESPORTIVO DA TEBE

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro, 39 - R/c

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director: ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

UM aspecto do Rio Douro, onde a poesia balouça, numa corrente interminável, na ânsia incontida de abraçar, mais e mais, as salsas ondas do Atlântico. O Douro, o rio que beija os pés a uma cidade, onde a luta pela existência se mistura e se confunde no ritmo constante duma série de profissões, que os séculos criaram e trouxeram até hoje, numa sinfonia de bigornas e apitos, de sirenes e de fumo, do pregar das tábuas e do erguer das pedras, do pregão castiço e bom da peixeira que passa e do pescador que regressa.

Rio Douro, rio de poesia e de luta, onde o vinho do Porto se escoia, numa sinfonia de barris e onde, cada pipo, cada arco, cada gota, lembra um poema de movimento, no vai-vem constante daquela gente boa e simples, que, durante toda uma vida, arranca da terra o nectar bendito que o solo luso, tão pródigo, nos oferece.

RIO DOURO

Rio Douro, oriundo de Espanha barrento e fundo, alegre e triste, dos barcos rabelos, das paisagens e das poesias, das lendas e das cantigas; cada gota da tua água lembra uma lágrima que rola, cada grão da tua areia, partícula perdida nos longes da imensidade, é uma sinfonia dispersa nas retinas e nas almas de todo um bom povo, laborioso e simples, crente e indomável, heróico e santo, de cuja história se irmanou para testemunhar às gerações futuras que, esse rio, cheio de relevos xistosos, de barcos e de cantigas, de gente boa e simples, com o comboio ao lado, vomitando faulhas e cansaço, é bem digno da nossa demorada atenção, porque dele, alguma coisa se irmana na nossa alma, deixando-nos, para sempre, na retina, um pano de fundo de incomparável beleza. E o Douro, na sua sinfonia de sempre, é bem um caudal de lutas.

A. B.



Rio Douro — Aquarela de Luís Sarmiento de Carvalho e Cunha — Prémio Henrique Pousão (S. N. I.)

Centro de Assistência Materno-Infantil

Por despacho do Snr. Subsecretário de Estado da Assistência, publicado no «Diário do Governo», foram aprovados os Estatutos do Centro de Assistência Materno-Infantil de Barcelos.

Neste Centro fica integrado o actual Lactário de Santa Maria, que transitou da Obra das Mães, pelo Ministério da Educação Nacional, para o do Interior.

A Direcção do Centro ficou constituída pelas Ex.^{mas} Snr.^{as}:

- D. Maria José Novais (Presidente)
- D. Maria Lúcia de Azevedo Miranda Baptista (Secretária)
- D. Delfina Luísa de Sousa Lima Garrido (Iesoureira)
- D. Ercília Novais Machado
- D. Maria Judith Quadros Simões Norton

O Centro de Assistência, enquanto não tiver instalações próprias, fica a funcionar na Casa de Santa Maria.

«Boletim Social da Tebe» faz votos que a comissão empossada possa constituir em Barcelos um valor imprescindível para bem da comunidade local, que o mesmo é dizer para bem do melhor revigoramento das crianças desprotegidas.

As obras sociais desta grandeza devem merecer de todas as almas grandes o seu inconfundível desvelo.

DIVERSOS NATAL

(Continuação da 8.^a página)

Gravuras As gravuras insertas neste número foram gentilmente cedidas pela revista LUSIADA a quem, mais uma vez, apresentamos os nossos melhores agradecimentos.

Publicações recebidas Temos recebido, com a devida regularidade, as seguintes publicações: Despertar de Coimbra, Boletim do Boavista, O Pejão, O Barcelense e o Boletim da Fil.

Informação Esclarecemos todos os leitores, amigos e anunciantes que as colunas do «Boletim Social da Tebe» nunca se fecham, quando os artigos enviados venham repassados da boa e verdadeira doutrina, a única que se coaduna com os salutareos princípios que nos guiam: a Verdade.

Aniversários Mensalmente daremos nota dos nossos operários que fazem anos nos meses seguintes ao das publicações do Boletim. Porém, quando por lapso, deixarmos de incluir algum nome, agradecemos que nos informem, na devida oportunidade, para, futuramente, se evitarem tais lapsos.

Opiniões Agradecemos sempre que nos informem quais as secções que preferem e as que não apreciam. Pois é nossa intenção dar a todos os leitores assuntos que os interessam verdadeiramente.

Detractores Infelizmente o mundo está cheio de indivíduos que não se poupam a criar dificuldades e entraves àqueles que, por uma tendência afectiva dum melhor solidariedade humana, nem sempre são bem compreendidos. Façamos guerra ao detractor.

suas colunas algumas brevíssimas e mal focadas considerações acerca do maior acontecimento que a humanidade sofredora jamais pôde viver: — O Nascimento do Deus Homem!...

MARIA DAS DORES

DUAS QUADRAS

De entre milhões de Marias
Tu és a dos meus encantos:
— Todos os dias são dias;
mas há também dias-santos.

Da miséria e da desgraça
não te rias meu amor:
— O pobrezinho que passa
pode ser Nosso Senhor.

Silva Tavares

—)(—

Provérbios populares alentejanos

Casa que não cria, sempre pia.
Nem rio sem vau, nem geração sem mau.

Falar não enche barriga.
Mal vai ao passarinho na mão do menino.

Quem não tem bois, semeia antes ou depois.

—)(—

Palavras dum Rei

Não é a pompa real nem o poder absoluto, mas a concórdia e o amor pátrio que fazem os povos felizes.

Gustavo III, da Suécia

Fazem anos, no mês de DEZEMBRO, os nossos seguintes trabalhadores:

DIA 1 — Maria do Céu Lamela da Costa.

DIA 2 — Rosa Pereira do Vale.

DIA 3 — José Pereira Cardoso, Maria da Conceição da Silva Linhares, Maria Rosa da Silva Lamela e Maria da C. Leite Pinto.

DIA 4 — Maria da Conceição da Cruz Passos.

DIA 5 — Maria Luísa Gonçalves Ramos.

DIA 6 — Maria C. Lopes Machado, Fernanda da Conceição Magalhães Leite, Florinda da Graça F. da Silva.

DIA 8 — Maria Teresa Magalhães Pinto, Maria da Conceição Monteiro e Maria da C. Ferreira Monteiro.

DIA 9 — Rosa Pereira Lopes.

DIA 10 — Maria A. de Jesus Vilas Boas, Maria Cândida Azevedo Oliveira e António Emílio F. Pontes.

DIA 11 — Carlos Augusto Carvalho de Matos.

DIA 12 — Maria dos Prazeres S. e Silva, Teresa de Jesus Magalhães Leite, Alberto Miranda da Cunha e Maria do Sacramento P. Rodrigues.

DIA 13 — Maria Noémia dos Santos Esteves, Maria Emília Leite Vilar, Maria de Fátima Martins Vieira, Maria do Céu Magalhães e Maria Lúcia P. B. Crespo.

DIA 14 — Josefina Augusta Teixeira.

DIA 15 — Acácio Torres de Carvalho e Francisca Sameiro Carvalho da Costa.

DIA 16 — Ana Celeste Pereira Rodrigues e Ana Ribeiro.

DIA 17 — Emília de Jesus e Rosa Maria Queirós dos Santos.

DIA 18 — Júlia das Dores da Silva.

DIA 20 — Fernando Couto Ribeiro, Teresa Gomes Ribeiro e Maria Carolina Ferreira Lima.

DIA 21 — Maria Correia da Costa e Alzira da Cruz Araújo.

DIA 22 — Maria Gracinda Serra.

DIA 23 — Emília Araújo Figueiredo, Emília de Jesus Barros Moreira e Idalina Valada Moreira.

DIA 24 — Mário Miguel Pimenta Lopes.

DIA 25 — Maria Albina Miranda de Sousa, Adelina Lopes da Silva, Maria da Assunção Ferreira Moreira, Engrácia de Jesus Gomes Monteiro, Maria do Nascimento S. G. da Costa, Prazeres Correia da Costa, António Martins Moreira e Margarida da Conceição C. Gonçalves do Vale.

DIA 26 — Maria Coelho do Vale.

DIA 27 — Delfina Ramos Vieira e Maria da Graça Gonçalves Terroso.

DIA 28 — Maria Antonieta Dantas Correia, José Miranda Gomes e Cândida Pereira da Silva.

DIA 29 — Angelina Gomes dos Santos.

DIA 30 — Maria dos Prazeres R. da Cruz e Maria Avelina Queirós de Araújo.

DIA 31 — Maria Branca Gonçalves Ramos.

A todos os nossos melhores parabéns.

Maria Isolete Felgueira Rodrigues

«Boletim Social da Tebe» envia o seu cartão de parabéns à Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria Isolete Felgueira Rodrigues pelo seu aniversário natalício, que será no próximo dia 14.

António Oliveira Madeira, José Maria da Silva Teixeira

Igualmente, o nosso «Boletim», cumprimenta os Snrs. António Madeira e José Maria Teixeira, pelos seus aniversários, que serão, respectivamente, nos dias 18 e 28 do corrente.

Talvez não saiba que:

O Idiota foi escrito por Fedor Des- toiewsky; A Adoração dos Reis, maravilhoso quadro existente no Museu do Prado, foi pintado por Rubens; Freire de Andrade, Alves Roçadas, Artur de Paiva, Eduardo Costa, Mousinho de Albuquerque e tantos outros foram figuras de relevo na vida colonial portuguesa; este bocado de prosa: «O Poeta Petrarca viu Laura, como o Poeta Saúl viu a alma de Samuel evocada pelo mago conjuro da sibila extática.

Como foi aquele ver do vencedor dos filisteus? Porque arte pôde a impalpabilidade tocar o sentido? Porque secreto modo receberam os olhos do israelita a impressão do invisível? Não o sabemos. A teologia escolástica enxada-se nos profanos meandros da dialéctica, sem responder à pergunta.

Para mim, a visão que enleou Francesco Petrarca na igreja de Santa Clara, em Avignon, é misteriosa e

inexplicável como a visão de Saúl. O poeta toscano não viu somente um corpo, viu uma alma, como o vate de Israel.

Entre tantas mulheres colocadas ali na majestosa atitude de oração piedosa, prostadas diante do altar, onde o levita celebrava a paixão de Cristo, não houve pitonisa segredando ao coração poeta que era no seio dessa e não doutra que respirava a alma irmã da sua, aquela alma sonhada nas longas e trabalhadas insónias de uma imaginação febril, aquela alma, etéreo ídolo para cujo santuário deviam expirar depois os carnes manados da mais amorosa harpa que pode tanger-se na terra», é de Ramalho Ortigão; Carlos Kautsky (Húngaro, 1854-1920) escreveu um livro intitulado «Parlamentarismo e Socialismo»; Juan de Lanessan legou à posteridade a majestosa obra «O transformismo», que tem como subtítulo «Evolução da matéria e dos seres vivos»; Henrique Baptista escreveu uma obra de grande projecção e cujo título designou por «Socialismo».



PAGINA FEMININA

1.º de Dezembro

DIA 1.º de Dezembro... Por mais que os anos rolem sobre acontecimentos passados, há datas que jamais se podem esquecer...

Há dias na vida das nações que resumem nos seus acontecimentos rápidos toda uma História de séculos.

Nessa manhã clara de 1 de Dezembro, Portugal inteiro num estremecimento de revolta, acompanhou o arrojado gesto dum punhado de portugueses. Para recuperar a sua independência tal como em 1143 ou em 1385, foi o amor profundo da Pátria que ergueu, empunhando as espadas, os braços destemidos dos nossos fidalgos; para dar alento e fé a esses fidalgos foram as palavras enérgicas de suas mães, as suas lágrimas e as suas orações; para consolidar e firmar essa revolução arrojada foi o sacrifício do povo inteiro que, sacudido do saudosismo doentio pelo moço rei desaparecido, num ímpeto de fera brava, se levantou disposto a vencer lutando ou a morrer vencido.

A vida das Pátrias, tal como a das criaturas, têm horas de lágrimas e horas de entusiasmos loucos.

Há momentos em que já não é possível pensar e age-se instintivamente com desespero amargo ou em loucura feliz.

Sim! Se nessa manhã, o povo português pudesse pensar, talvez reconhecesse ser alucinação, uma pátria alquebrada e amarfanhada por violências e vexames, atrever-se a desafiar uma nação poderosa e rica.

Mas Portugal não pensou, sentiu apenas; sentiu pesarem-lhe demasiado as grilhetas de resioneiro; sentiu mais profundamente as injustiças e as injúrias; sentiu, como um remorso, o estertor dos agonizantes, que perderam a vida, em Ourique, em Ceuta, em Alcácer-Quibir, em Diu; sentiu nas carícias do mar a sua saudade pelas gloriosas naus lusíadas; sentiu ecoar perdidos por vales sombrios os ecos dos gritos de Aljubarrota — Portugal e S. Jorge.

Portugal sentiu a voz do Passado e estremeceu diante do Futuro!...

Os fidalgos e o Povo comungando o mesmo Ideal, num ímpeto libertaram a Pátria querida, do jugo odioso, de Espanha.

O País recuperou a sua independência política, pois nunca a Espanha pudera assimilar a Nação portuguesa, com

os seus costumes característicos, as suas crenças, as suas velhas e gloriosas tradições e a sua língua de sons cristalinos na qual Camões dissera:

*«Cesse tudo que a Musa antiga canta
Que um valor mais alto se alevanta».*

Hoje recorda-se esse dia como um sonho lindo, a terminar o pesadelo terrível de 60 longos anos.

Nesse sonho lindo revêem-se figuras gentis de fidalgos preparando num segredo a conspiração; vêem-se senhoras altivas entregando com santo entusiasmo patriótico as espadas a seus filhos, caíndo depois aos pés da Virgem em orações pedindo pela Pátria e pelos filhos estremecidos; vêem-se também jovens recatadas, espiando com o coração amargurado, os preparativos para a luta dos noivos e esposos queridos.

O povo tem o pressentimento de que em breve Portugal será livre e confiadamente aguarda a hora da Ressurreição nacional.

Então um frémito de entusiasmo sacode o País, do mar à serra, corre pelos vales, pelos montes, pelas charnecas, pelas terras ribeirinhas! É uma onda que cresce, que avoluma, que alaga Portugal inteiro, galgando Oceanos, transpondo Continentes.

Luta-se. Reza-se. Canta-se e chora-se de felicidade no casebre humilde e no palácio sumptuosol!

A Terra Lusa é outra vez livre e Portugal ergue a voz de séculos, a voz sonora e enérgica, a voz meiga e piedosa, um solene Te-Deum.

Dia 1.º de Dezembro de 1640 — A Pátria retoma o caminho perdido e recomeça uma jornada de sacrifícios e glórias — rapazes e raparigas da Mocidade, sede dignos do nome de Portugueses.

E se falássemos de...

Depósitos de Poupança

Por F. Correia

NAQUELA semana ele tinha trabalhado umas horas extraordinárias e pode economizar do seu salário uma nota de vinte escudos. Haviam-lhe dito que, em qualquer Caixa Económica, era fácil constituir um depósito à sua ordem, mesmo que a importância inicial a depositar fosse apenas de cinco escudos. Resolveu, por isso, depositar aquela economia. Dirigiu-se a uma Caixa Económica e, após o preenchimento duma ficha, recebeu, sem qualquer gasto, uma caderneta em seu nome, na qual lhe escrituraram o primeiro depósito de vinte escudos. Foi tudo muito simples. Guardou-a, como quem guarda uma relíquia que se estima, e pareceu-lhe que o seu valor pessoal, no meio da sociedade em que labutava, havia crescido uns pontos, à custa daquele livrinho que tinha um número, o seu nome e vinte escudos à ordem... Era um modesto trabalhador, é certo, mas isso

Dolorosa Evocação

Por Nidoval Reis

A chuva cai lá fora
fria como o beijo-despedida
que dei nos lábios já sem vida
da minha pobre mãe.

Talvez seja por isso
que toda vez que vejo a chuva
escorrer languidamente do beiral
da pensão em que resido
vem-me à memória; uma mesa, quatro círios
e sobre ela, entre flores,
o corpo inanimado
de minha pobre mãe.

Ah! Se eu pudesse impedir
a chuva de cair por sobre a terra
evocando o quadro triste
do passamento de mamãe.

Mas isso também não!
Pois não é justo que,
apenas para satisfazer minha vontade,
deixe a chuva de cair para orvalhar
as flores dos jardins
que ainda hão de servir para adornar
as milhares de mamães que vão morrer...

Oh! Como odeio a chuva impertinente!...

não o impedia de ter dinheiro a juros, de ser um pequeno depositante.

Na semana seguinte ele fez novas horas extraordinárias de trabalho e pode economizar outra importância. Apresentou-se, de novo, na mesma Caixa Económica e, exibindo a caderneta, disse senhor de si: «Quero fazer um depósito»... Este «quero fazer um depósito» foi-se repetindo de semana a semana, hoje vinte escudos, amanhã dez, depois cinco, do que resultou somarem centenas de escudos os variados depósitos que entregou durante o ano para acréscimo da sua conta, representada por uma caderneta que tinha um número na capa e o seu nome bem visível...

Ele que até ali não sabia juntar um tostão, criava hábitos de economia, desejava ver crescer o seu pecúlio, fazia cálculos para a semana seguinte, a ver quanto poderia depositar.

Começou até a trabalhar com outra vontade, a produzir mais, a dar nas vistas dos seus chefes, tudo porque ele via agora os frutos do seu trabalho, expressos no tal livrinho.

Eis sintetizadas as características e as funções dos depósitos de poupança.

(Continua na página 6)



POR todo o Portugal se ouve falar nas comemorações do 1.º centenário do falecimento do grande poeta que foi Almeida Garrett.

O nosso «Boletim» deseja também evocar essa figura gigante, um dos maiores vultos da nossa literatura, servindo-se, a título de divulgação de «Doutrinas de Estética Literária» por Almeida Garrett, prefaciadas e anotadas por Agostinho da Silva.

Estâncias I e II do canto primeiro da «Dona Branca» (1824)

Áureos numes de Ascreu (1), ficções risonhas
Da culta Grécia amável, crença linda
De Vénus bela, Vénus mãe de amores
Brincões travessos;—do magno Jove,
Que do sétimo céu atrás das moças
Vem andar a correr por este mundo,
Já níveo touro, já dourada chuva,
Já quanto mais lhe apraz;—de Baco alegre,
Do louro apolo, e das formosas nove
Castas irmãs que nos vergéis de Pindo
Tecem aos sons da lira eternos carmes;
Gentil religião, teu culto abjuro,
Tuas aras profanas renuncio:
Professei outra fé, sigo outro rito,
E para novo altar meus hinos canto.

II

Não rias bom filósofo Duarte (2),
Da minha conversão, sincra é ela:
Disse adeus às ficções do paganismo,
E cristão vate cristãos versos faço.

Do Prefácio da primeira edição do «Camões» (1825)

A índole deste poema é absolutamente nova; e assim não tive exemplar a que me arrimasse, nem norte que seguisse

«por mares nunca dantes navegados»

Conheço que ele está fora das regras e que, se pelos princípios clássicos o quiserem julgar, não encontrarão aí senão irregularidades e defeitos. Porém declaro desde já que não olhei a regras nem a princípios, que não consultei Horácio nem Aristóteles, mas fui insensivelmente depor o coração e os sentimentos da natureza, que não pelos cálculos da arte e operações combinadas do espírito. Também o não fiz por imitar o estilo de Byron, que tão ridiculamente aqui *macaqueiam* hoje os franceses a torto e a direito, sem se lembrarem que para tomar as liberdades de Byron e cometer impunemente seus atrevimentos, é mister haver um tal engenho e

(1) Referencia a Hesíodo, poeta grego natural de Ascre e autor de «Os Trabalhos e os Dias», da Teogonia e do Escudo de Hercules (IX séc. a. C.).

(2) Duarte Lessa, amigo do poeta, um dos chefes da revolução de 24 de Agosto de 1820.

GARRETT

A propósito do centenário do seu falecimento

talento que, com um só lampejo da sua luz, ofusca todos os descuidos e impede a vista deslumbrada de notar qualquer imperfeição. Não sou clássico nem romântico; de mim digo que não tenho seita nem partido em poesia (assim como coisa nenhuma); e por isso me deixo ir por onde me levam minhas ideias, boas ou

más, e nem procuro converter as dos outros, nem inverter as minhas nas deles;

Notas de Garrett à memória do Conservatório

Todos ficaram atrás de Camões, porque todos o quiseram enfeitar (o assunto de Inês de Castro) julgando mais dar-lhe interesse...

Inês de Castro, o mais belo e poético episódio do riquíssimo romance da história portuguesa, está por tratar ainda, ou eu muito me engano. Camões fez o que fizeram todos os grandes poetas nacionais chamados por sua augusta missão a enfeixar, num magnífico e perpétuo

(Continua na pág. 5)



GARRETT — Escultura do mestre escultor Barata Feyo

António Nobre

A figura de António Nobre, através do panorama poético do fim do século, marca iniludivelmente uma característica bem representativa das correntes literário-artísticas da época.

António Nobre encontra na frente dos seus olhos a vertigem da vida na aceleração progressiva duma materialização contingente. O homem sonhador, poeta ou pintor, escultor ou músico, tem de descer da torre de marfim onde, até então, se recolhia... Tem de descer para, só assim, poder vencer a vida, adaptando-se às leis contingentes da luta pela sobrevivência.

António Nobre, como todos os poetas, tem as suas crises e é nessas crises, sublimes de nevroses, que toda a sua gama poética aflora, ébrio de beleza, inconfundível de sonho, semelhante a flores intocadas.

A poesia de António Nobre, aureolada de um lirismo comovido e dolente, perpassa-nos os sentidos, ficando-nos para sempre na alma.

Adoro a poesia de António Nobre no que ela tem de afectivo, sentimental e dolente; e adoro sobretudo a luta que se adivinha no abismo do seu mistério não revelado de todo.

Chamo mistério a toda a sua ânsia auscultória de beleza e vibração. Porque António Nobre ascende acima dos ideais vulgares dinamizando-se de amor no amor que nunca experimentara.

Sim! A poesia de António Nobre, por vezes fogocitante, por vezes envolta duma ironia doce, quase nunca atraçoando o homem seu irmão, caminha para Deus ora receante e temente, ora resignado, ora insatisfeito... Por vezes, receia a luta no âmbito determinado à sua condição humana... E sofre... E sofre só.

Porém, António Nobre, só encontra temas sublimes no amor... No amor aos seres e a Deus, à vida e à formosura... arrastando-se num turbilhão introspectivo de uma já resignada melancolia.

Observemos, com os olhos e a alma, os versos que seguem:

« Que ilusão, viajar! Todo o planeta é zero.
Por toda a parte é mau o homem e bom o céu ».

Estes dois versos traduzem, com determinada sensibilidade, o seu panorama interior e exterior...

E se, o leitor amigo, ler as páginas tristes, afectivas, sensuais e místicas do « Só » de António Nobre, ficará a conhecer como os ideais do Poeta se desmoronaram ao longo duma tão curta existência mal vivida...

Por vezes, quase romântico, o Poeta, embrenha-se numa paisagem de cores que não se coaduna de todo com a sua pura sensibilidade de poeta... É que ele sorve, numa vertigem de incerteza, determinados licores que o embriagam de nevroses intensas e dramáticas, tombando-o na desilusão, na teia agónica que se enrosca ao corpo e à alma...

E é na agonia duma nevrose que a sua sensibilidade, por vezes contraditória, se redime também:

« Novembro. Só! Meu Deus, que insuportável Mundo! »

Eis um mundo de dor na expressão sublime dum verso apenas... Intensidade e amor, desilusão e ternura...

Que complexo e simples, que romântico e lírico se nos apresenta, por vezes, o Poeta.

E outras vezes, redimido numa evocação simples, traduz o movimento e a cor, em versos de tal modo palpitantes e intensos, que não se perdem nunca nos lábios da boa gente da nossa grei...

Observemos, sem demorada análise, estes versos que seguem e onde se vê uma procissão, em plena aldeia, rica de pormenor, grande de evocação e simples nas pinceladas certas de tons oportunos:

Estralejam foguetes e morteiros,
Lá vem o Pálio e pegam ao cordão
Honestos e morenos cavalheiros,
Altos, tão altos e enfeitados, os andores,
Parecem *Torres de David*, na amplidão!
Que linda e acuada vem a Senhora das Dores!
Olha o Mordomo, à frente, o Sr. Conde,
Contempla! Que tristes os Nossos Senhores;
Olhos leais fitos no vago... não sei onde!

GARRETT

(Continuação da página 4)

monumento, todas as glórias, todas as tradições poéticas de um povo: este é o carácter da sua epopeia e de todas as verdadeiras epopeias; fixam a crença e a história maravilhosa de uma nação, são elas mesmas parte consubstancial, típica e quase hierática dessa nacionalidade que consagram pela religião da poesia. Tais como foram para os gregos os dois poetas de Homero, para os persas o SCHANAMEH (livro dos Reis) de Firdusi, para os povos do Norte o NIEBELUNGEN, para as nações cristãs do meio dia o Orlando de ARIOSTO.

Gostaríamos de nos alongar mais, mas o espaço do nosso « Boletim » não comporta nem convém que nos alonguemos sobre um assunto que, por sublime e encantador, devia merecer o melhor respeito e o melhor carinho; mas, para nosso pesar, nem sempre assim acontece.

Auto-Retrato

*A noite abre meus olhos
e fita-os tristemente
em fantasia louca...
Cada pedra da rua
perdida nos meus olhos
reflete a luz da lua.*

*E sou!...
Talvez não seja
o poeta banal... fútil
Com lama, podridão...
e um sorriso inútil.*

*Os pobres não me querem
e julgam-me feliz...
Se é que penso...
só eu sei ser bem infeliz...
Rio nervosamente esmaecendo em luz
e grito
e gemo
e sofre em melodias de puz.*

Poema inédito de

Jorge William

Portugal-1954

Divagações dum momento

A poesia, na sua trajectória sublime e humana, encontra, em cada dia, em cada hora, em cada minuto, em cada sorriso que se dá, um efeito, um eflúvio, que penetram em toda a extensão dos sentidos, num misto de preocupações conceituais e imagísticas... Porque ela, longe de se atrofiar, continua emotiva, profundamente emotiva, semelhante a flores eternas Sim! A poesia, sublime porque inata, deve brotar da alma e dos sentidos nitidamente original, sem mácula e sem mistura... Porque ela, para ser realmente sincera, terá de ser natural, humana e oportuna. Sim! A poesia é o grito mais belo dos sentidos porque toda ela se irmana, se conjuga, se consubstancia e se reflecte no écran das imagens e sensações acumuladas pela influência espontânea da beleza dum momento...

No conceptismo particular de cada poeta há uma lógica, um cunho pessoal, uma forma característica, uma ideia, uma sensação, que se irmanam em conceitos espontâneos, vivos, humanos, para se projectarem ao longo dos poemas, que são, afinal, pedaços de alma em emoções desenvolvidas.

Se olharmos o mundo dos seres e das coisas e se penetrarmos nas coisas e nos seres veremos brotar de cada pedaço de vida, numa sucessão de imagens que ficarão para sempre gravadas na fita de emoções que se desenrola longa e demoradamente na penumbra dos sentidos, um poder rítmico suave e harmónico, que se perde, quantas vezes, nos longos do sonho...

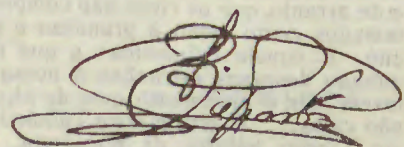
E a poesia, ontem como hoje, é o néctar espiritual que se evolva das fogueiras da alma para incensar o mundo dos homens sofreadores e sensitivos.

Repórter K

Os anjinhos!
Vêm a suar!
Infantes de três anos, coitadinhos!
Mãos invisíveis levam-nos de rastros
Que eles mal sabem andar.

O Poeta foi feliz nesta descrição, por vezes dum realismo tão acentuado e tão seu. Parece evocar numa tela todo um conjunto que se repete de há séculos para mais séculos sem fim...

E aqui estão, caros leitores, brevíssimos apontamentos dum Poeta que foi, na vida, discreto e velado, querendo esquecer, por vezes, os seus males que tanto o atormentavam.





Dirigida por Adriano Faria e Manuel de Sousa

NACIONAL DA II DIVISÃO

A equipa Barcelense, que nas suas exibições anteriores, nos deu sempre a impressão, e não nos enganamos, de um conjunto de tardes incertas, parece agora encaminhada para uma melhor posição na classificação geral.

A equipa desloca-se com mais confiança e os resultados dessas deslocações, sinal de uma melhor orientação, são aguardados com satisfação pela massa associativa.

No jogo com a Oliveirense, em Oliveira de Azemeis, o Gil Vicente averbou um ponto precioso para a sua classificação, empatando a 1 bola.

O jogo foi disputado com interesse, e o resultado satisfaz a ambas as equipas.

Já não foi como se esperava o resultado de Barcelos com o Caldas.

Embora que com a lesão de Eduardo, que passou a extremo da linha avançada, a equipa praticamente estivesse reduzida a dez elementos, estes não deram o seu melhor rendimento.

Com as exaltações da defesa e Augusto preso às balizas, valeu a derrota do Gil Vicente por 3-1.

O jogo foi pobre de técnica, mas o Caldas aproveitou melhor as oportunidades de golo.

Depois do desaire de Barcelos com o Caldas, os Gilistas foram a Leixões esperançados na recompensa, ou seja, a vitória.

As suas aspirações porém não foram além de um empate a 2 bolas.

Os grupos bateram-se bem parte a parte, e o resultado está certo.

O Vianense, que tem feito todos os esforços para escapar da má posição que ocupa, não conseguiu passar em Barcelos.

Com um primeiro tempo de equilíbrio, os visitantes não aguentaram o peso do jogo imposto pelos locais na segunda metade do encontro.

O resultado de 4-2 para o Gil cabe bem à equipa, que foi a melhor em campo.

Pê Ele

Sorteio Tebe

No próximo número publicaremos os nomes dos contemplados no sorteio TEBE.

Depósitos de Poupança

(Continuação da página 3)

Todos nós, trabalhadores, temos sempre ocasião de pôr em prática princípios e regras de economia que, às vezes, operam prodígios de governo e de arranjo, que os ricos não compreendem, acostumados como estão à grandeza e até à dissipação. É aquela «ginástica» a que nos referimos quando despesas estranhas à nossa vontade nos fazem ruir o orçamento que, de si, era já tem-te não caias... É esta mesma «ginástica» que pode vir a criar hábitos de poupança. E quando a podemos ou sabemos fazer, lá estão as Caixas

Arbitragens

Um dos pontos mais sérios e que influência tem nos resultados dos desafios, principalmente no futebol, é sem qualquer sombra de dúvida, o caso das arbitragens.

De facto, se o árbitro é imparcial, cumpre e faz cumprir as leis do jogo, o resultado somente dependerá do valor das equipas em luta.

Não é isto o que nos dizem constantemente os relatos desportivos nem tampouco o que temos visto, pois é frequente verificar-se a má actuação de Juizes de Campo estragar por completo, encontros que seriam ricos de técnica e correcção, se não fora esse contra-tempo.

Bem integrado no conhecimento das leis, o árbitro, auxiliado pelos dois fiscais de linha que lhe facilitam a tarefa, (desde que lhes preste atenção), tem obrigação estrita de orientar, satisfatória e dignamente os encontros.

Deve, para honra do desporto, prestígio duma cidade ou vila e dum público honesto e bem intencionado, evitar que este se revolte, chegando ao ponto não aconselhável, de provocar desacatos ou outras anormalidades motivadas por essa, e quantas vezes, prepositada má arbitragem.

Para isso requiere-se que o Juiz de Campo conheça bem as leis de jogo, as saiba interpretar como deve ser, as ponha em prática, seja alheio a tudo quanto se refira a paixões clubistas ou favoritismos, bem como, ponto essencial, mantenha personalidade perante os jogadores e que o seu trabalho, de lei imparcial, se não vá inclinar em benefício do grupo local por questão de ambiente, medo, ou mesmo ficar bem visto.

Se adoptar um critério justo na visão e marcação das faltas, a sua actuação deixará de classificar-se de «fraca ou péssima», para ser «boa», em prol da técnica, da modalidade, da terra, do público e da sua própria dignidade.

A. Faria

Económicas na sua função de atrair pequenas economias — os tais depósitos de poupança — que, pouco a pouco, chegam a atingir a grandeza dum capital de certo rendimento. Como estímulo, abonam até a estes depósitos juros de taxa mais elevada.

(Continua no próximo número)

A Federação de Patinagem exerce represálias contra os clubes do Minho?...

○ Campeonato Nacional da II Divisão de Oquei em Patins, serviu às mil maravilhas para sabermos das intenções dos dirigentes Federativos para com os clubes do Minho, depois da célebre bronca das eleições da F. P. de Patinagem.

O caso do H. C. das Taipas na meia final daquele campeonato, é tudo o que há de mais vergonhoso nos anais do Oquei patinado em Portugal.

Que se anulasse o jogo que o Taipas ganhara ao Paços de Rei, (e ganhou bem não hajam dúvidas) pode estar certo. Que se marcasse a repetição do mesmo jogo era natural.

Mas o que não está certo nem é natural é que se tenha anulado o jogo e marcado nova data para a sua repetição, sem se dar conhecimento oficial ao Clube das Taipas, e só ao Clube das Taipas.

Sim, porque se o Paços de Rei compareceu, compareceu o árbitro e o Vice-Presidente da F. P. P., é porque tinham conhecimento oficial da anulação do primeiro jogo e da realização do segundo!

O Taipas, naturalmente, não compareceu, nem tinha nada que comparecer, uma vez que desconhecia a culinária com que preparava o caldinho na F. P. P.

Tudo pode parecer natural para os leigos nestas andanças.

Mas o que não é natural nem legal à face da lei, é a eliminação por falta de comparência do Taipas alguns minutos depois da hora (marcada?) para a realização do jogo, na reunião da Federação em Lisboa.

A Federação nada pode resolver sem ter presente os boletins do jogo e o relatório do árbitro oficial do encontro. Um simples telefonema não pode servir de base para a eliminação de qualquer Clube em qualquer modalidade desportiva em Portugal.

E afirmo que não pode servir de base, porque eu mesmo poderia telefonar naquela noite, informando a Federação que o Taipas havia ganho o jogo por falta de comparência do Paços de Rei, fazendo-me passar pelo Vice-Presidente da Federação que se deslocou às Taipas.

Urge que Sua Ex.^a o Senhor Ministro da Educação Nacional mande proceder a um inquérito, e que justiça seja feita, a Bem do Desporto.

— A César o que é de César...

Fernando de Sousa

Este número foi Visado pela Comissão de Censura

PAINEL PUBLICITÁRIO



Casa do Café

COM

FÁBRICA DE TORREFACÇÃO

Especialidade em
CAFÉS, CEVADAS, CHÁS
e todas as ESPECIARIAS.

O aroma do café da CASA DO CAFÉ
tem perfume... abençoado café.

Preferi-lo é ter um paladar requintado...

Em BARCELOS na

Rua D. António Barroso, 61-63 — Telefone 8390

Sametil

*Um medicamento
ao serviço da pele...*

Em liquido e em pó

Vende-se nas melho-
res farmácias

Casa de Móveis TELES

NA

Av. Dr. Oliveira Salazar

BARCELOS

A casa que vende mobílias
dos mais variados estilos.

Óptimo acabamento.

Finíssimo bom gosto.

Tudo para menage...

Seus sapatos duram mais...

Seus pés cansam menos...

Com calçado da

Casa Cunha

DE

FÉLIX LUÍS DA CUNHA

Pois que levam as cinco letras mágicas:

- C — confortável no interior
- E — elegante nas suas linhas
- L — leve como uma pluma
- S — suave no andar
- O — óptimo no preço

João Gonçalves Martins

Um nome ao serviço das conceituadas águas

: Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas :

Agente da conhecidíssima Companhia de Seguros

« **A MUNDIAL** »

Em frente à Estação do Caminho de Ferro — BARCELOS

Natal

Considerações relativas

DESDE sempre que o Natal de Cristo mereceu especial carinho, principalmente aos que, longe dos seus, labutam pela existência...

Por essa razão, e porque o tema é deveras emotivo e simpático, aceitei o convite que me endereçou o Director do «Boletim Social da Tebe», para escrever algumas palavras significativas, sobre o valor espiritual que o Nascimento de Jesus trouxe ao seio da humanidade...

Não vou, caros leitores, especular sobre um tema que, de simples, só na aparência o é de facto. A descrição do Natal, na acepção lata do seu real valor, não pode ser traduzida por palavras; mas sim por emoções...

Perdoem esta afirmação arrojada; mas sinto forças para aguentar com ela e quer-me parecer que o tema e sua difusão, quer nos campos positivo ou especulativo, vive e pulsa, mais forte de ideia e de acção, no seio da gente simples e boa das nossas mais perdidas aldeias...

A palavra humildade, estrela de virtude, num mundo em que a deficiência do pensamento humano resultou de estruturas acomodaticias, o homem materializou-a insofismavelmente perdendo-a no desequilíbrio terrível de ignorâncias acumuladas.

As palavras de Cristo eram resultantes de obras autênticas, legítimas, puras e reais.

As obras de hoje, filhas de palavras untuosas de vaidades balofas, perdem-se na iminente degradação de rótulos pomposos e incipientes, mas que, de aumento em aumento, vão avolumando assustadoramente numa tendência subtil de dar nas vistas.

O nascimento do filho de Deus — Jesus — foi traçado como arco da salvação à humanidade sofredora. E nós, pecadores, vaidosos, orgulhosos, de insensatez em insensatez, de ilusão em ilusão, vamos caminhando para o abismo arrastando connosco a ignorância essencial à nossa vaidade rica de presunção.

Eu pecadora me confesso, e vejo e noto e adivinho que a fraternidade humana, longe de se aproximar realmente, como devia ser, de Cristo e dos infelizes nossos irmãos, busca destes, servindo-se do Nome de Cristo, o rótulo pomposo de virtudes que, afinal, nem na aparência existem.

(Continua na 4.ª coluna)

NATAL

Penso em Natal. No teu Natal. Para a bondade
A minh'alma se volta. Uma grande saudade
Cresce em todo o meu ser magoado pela ausência.
Tudo é saudade... A voz dos sinos... A cadência
Do rio... E esta saudade é boa como um sonho!
E esta saudade é um sonho... Evoco-te... Componho
O ambiente cuja luz os teus cabelos douram.
Figuro os olhos teus, tristes como eles foram
No momento final da nossa despedida...
O teu busto pendeu como um lírio sem vida,
E tu sonhas na paz divina do Natal...

Extracto dum poema de Manuel Bandeira

NATAL

Por António Baptista

Recordo, no silêncio, a minha mocidade
E vivo no presente, envolto de saudade,
As horas que sonhei... dispersas p'ra meu mal...
E volto os meus sentidos p'ra noite de Natal...
À lareira, bem juntos, unidos pelo amor...
Erguíamos ao Céu as graças do Senhor...
Tudo tão simples... tudo era amor... harmonia...
E a neve, a neve branca, lentamente caía,
Numa canção plangente de graça e de frescor...
E no dia seguinte, a neve, era calor...
Faziam-se esculturas de graça e perfeição,
E nós, tão inocentes, suspensos de emoção,
Pensávamos que o mundo era todo bondade...
E ríamos felizes, suspensos na verdade
Que a neve nos trazia, que a neve nos ditava...
Dia de Natal!
Luz!
Paz!
Oh! Ninguém soltava o grito da revolta...
o grito da ameaça...
Não se ouviam os canhões... brincava-se na praça...
Trocavam-se impressões dos pobres sem ventura,
Sem pão e sem carinho, sem lume e sem ternura...

E o frio gela e corta e tudo se agasalha...
Um pequenito passa, descalço... Deus me valha!
Era o Zé da Ti Laura — não tinha pai nem mãe,
Era só... tão sozinho, não tendo mais ninguém.
E o Zé, o pobre Zé, descalço, pela neve,
Ai! quase não marcava seus passos de tão leve.
Ó dia de Natal! Dia de paz, d'amor,
Dia grande, meu Deus! E o pobre Zé?... Senhor!
Descalço continua olhando para vós,
Erguendo certamente seus lábios d'oração...
O Zé ceou connosco, comeu do nosso pão
e rezou... rezou bastante com lágrimas no voz!...
Noite de Natal...
Luz...
Paz...
Oh! Ninguém soltou o grito da revolta...
o grito da ameaça...
E a neve, a neve branca cobria toda a praça...

Natal

Considerações relativas

(Continuação da 1.ª coluna)

Eu pecadora me confesso, e sinto pena de mim, nojo do meu egoísmo de ontem, vergonha das vaidades de há pouco, dos luxos, das grandezas, das pompas que há momentos me deliciaram.

Eu pecadora me confesso, e vejo e sei que a filosofia dos homens, fria e desumana, não pode projectar-se muito longe, porque a sua força acionária é apenas produto de fantasia; mas, ainda mesmo assim, de falsa fantasia.

Contudo — como é a vida! Adoro a fantasia dos poetas, e adoro-a principalmente quando ela nos faz esquecer quem fomos e nos recorda que nada somos... É por isso que admiro os Poetas, alguns tão incompreendidos, porque são eles as asas brancas que se agitam, sem medo, sem malícia, no seio dos corvos e dos abutres, dos materialistas e bandidos...

Admiro os Poetas, porque só eles, anjos da terra, encarnam, na sublimidade do Nascimento de Cristo, o papel unificador entre humilhados, vencidos e explorados... Portanto admiro os Poetas e compreendo-os, e compreendo-os porque os sinto quando os leio e os ouço... quando passam, de olhos fitos no chão, deambulando, perdidos, nas rotas dispersas dum mundo que vai estiolando...

Eu pecadora me confesso, e porque sei e porque sinto, tenho a certeza que o mundo dos homens, sem Deus e sem amor, sem carinho e sem justiça, não pode marchar assim, descontrolado e louco, despótico e mau...

A força do mal se não pode dominar de todo o pouco do bem que ainda aflora, não poderá também aniquilar a mesma essência do bem, logo, o Bem, como mais justo e mais forte, terá de vencer por certo, Quando? O tempo no-lo dirá...

A filosofia podia responder prontamente, se aqui o entendessemos, com determinada profundidade; retrai-se por uma inconsciência consciente de si, no campo restricto dum subjectivismo conforme.

Escrevo para o «Boletim Social da Tebe» porque a doutrina que dinamiza este é puramente social, portanto, tão humana e oportuna, como é mister que seja... sem mácula e sem pecado.

E, porque o sei, e porque o compreendo, deixo escrito nas

(Continua na página 2)